

# Canto no setting musicoterapêutico: uma abordagem analítica para promoção da saúde

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO EM SIMPÓSIO

SIMPÓSIO: Música e Promoção de saúde

Xxxxxxxxxxxxxx

**Resumo.** A presente pesquisa reflete sobre a utilização do canto nas sessões de Musicoterapia na abordagem analítica por meio de revisão da bibliografia existente, permitindo ao leitor que considere a importância desta temática na práxis do musicoterapeuta. Para este estudo foram analisados trabalhos produzidos por estudiosos da área da Psicanálise, musicoterapia e canto, dentre eles Baranow (1999), Benezon (1988), Millecco Filho (2001), Herrmann (1999), Gomes (2021), Ramos (2014, 2018), entre outros. No tocante, após o levantamento bibliográfico foi possível observar que essa prática propicia muitos benefícios aos pacientes que dela desfruta.

**Palavras-chave.** Psicanálise, Canto, Musicoterapia analítica, Cantoterapia.

**Abstract.** This research reflects on the use of singing in Music Therapy sessions in an analytical approach by means of a review of the existing bibliography, allowing the reader to consider the importance of this topic in the practice of music therapy. For this study, we analyzed works produced by scholars in the area of Psychoanalysis, music therapy and singing, including Baranow (1999), Benezon (1988), Millecco Filho (2001), Herrmann (1999), Gomes (2021), Ramos (2014, 2018), among others. In this regard, after the literature review, it was possible to observe that this practice provides many benefits to the patients who enjoy it.

**Keywords.** Psychoanalyse, Singing, Analytical music therapy, Singing therapy.

## Introdução

O presente trabalho de pesquisa nasceu a partir de vivências e inquietações que venho experimentando ao longo da minha vida como estudante de diversas áreas do conhecimento. Durante minhas formações acadêmicas anteriores, passei a me interessar pelos benefícios terapêuticos do canto, principalmente, no que tange ao gerenciamento das emoções desencadeadas durante este processo. Minha vida profissional, enquanto regente de corais, professora de canto, cantora, bem como em meus atendimentos clínicos, contribuíram para instigar ainda mais esta investigação.

Ao ingressar nas sessões de musicoterapia utilizando terapia vocal, o paciente encontra, desde o início das primeiras sessões, inúmeros benefícios corporal, emocional,

social e vocal, geralmente, de forma rápida e prazerosa, visto que o canto potencializa todo o uso do cérebro garantindo resultados duradouros e tais benefícios estimulam o paciente expor de forma mais fácil emoções dolorosas guardadas no inconsciente que se não tratadas poderão acarretar em algum transtorno ou doença.

Assim, o objetivo deste trabalho é verificar os benefícios para promoção da saúde da utilização do canto no setting musicoterapêutico na abordagem analítica. Para tanto, esta pesquisa eminentemente qualitativa, se utilizará de uma cuidadosa revisão bibliográfica como método. A busca pela bibliografia foi realizada em acervos físicos e virtuais, constatando uma escassa literatura que aborda o tema, sendo que as poucas referências encontradas são norteadas por pesquisas de abordagem quantitativa ou com fundamentações superficiais acerca da temática. Esta pesquisa justifica-se, portanto, à medida que pretende contribuir para minimizar tal escassez.

O artigo está dividido em três subtítulos, sendo o objetivo do primeiro apresentar história da psicanálise, seu conceito e diálogo transdisciplinar com outras áreas do conhecimento. No segundo trarei uma explanação do que é musicoterapia e seu funcionamento na abordagem analítica. No terceiro subtítulo trarei a importância do canto como desencadeador de emoções, abordando as mais relevantes influências dos aspectos psicológico, fisiológico e terapêuticos no canto.

## **Psicanálise: uma ciência transdisciplinar**

De acordo com Herrmann (1999), a psicanálise nasceu das Ciências Exatas, com a ajuda da interpretação. Só a interpretação era capaz de abarcar os sonhos, as emoções e a loucura. Entretanto, ao procurar elucidar a loucura, o método interpretativo acabou tendo de ir mais longe, por descobrir que aquilo que não parecia ser loucura, a vida comum, não era também muito diferente. Posta em movimento, a interpretação não se soube deter.

Ainda segundo o autor, Freud inventou um método chamado psicanálise no fim do século XX, em Viena, para interpretar o lado irracional da mente que obedece a regras de uma racionalidade diferente daquela da consciência. Por tal feito, sua obra é insuperável pelos psicanalistas que surgiram posteriormente.

Freud elucidou que o termo “psicanálise” tem três sentidos, dos quais destacamos o método interpretativo, que significa também uma forma de tratamento psicológico (psicoterapia analítica) e, igualmente, é o nome do conhecimento que o método produz (teoria psicanalítica).

A psicanálise freudiana, nascida da experiência inaugural de Freud (1856-1939) no atendimento às “históricas”, por volta de 1900, inaugura um novo modelo de prática clínica, no qual as pacientes têm voz sobre si mesmas, sobre o que lhes angustia. Assim, o saber médico tradicional passa a ser questionado, inclusive o próprio Sigmund Freud precisará vivenciar uma revolução epistemológica [...]. Produto de seu tempo e dos saberes que atravessam sua época, a psicanálise freudiana recebeu as mais diversas interferências das artes, da filosofia, da literatura e da música. Temos, então, uma ciência epistemologicamente transdisciplinar, que por meio do entrecruzamento dos mais diversos saberes buscará compreender um objeto de estudo até então não estudado cientificamente: o inconsciente humano (Gomes; Moreno; Gosmão, 2021, p. 3).

Conforme visto na citação acima, a psicanálise, desde o seu nascimento, teve um amplo diálogo com muitas áreas do conhecimento, o que a torna uma ciência transdisciplinar. Segundo Gomes, Moreno e Gosmão (2021), as reuniões da sociedade das quartas-feiras, inicialmente formadas por homens, não era exclusiva para médicos. Desde o início da psicanálise, Freud compreendia a importância de o saber psicanalítico transitar em outros espaços e beber de outras fontes como: mitologia, literatura, música, as artes, entre outras manifestações humanas.

A função do psicanalista é aplicar o método psicanalítico, que pode ser tratando um paciente individualmente ou grupo de pessoas. Pode também estar tentando interpretar algum acontecimento. Notícia de jornal, comportamentos contemporâneos, como as mudanças climáticas e as guerras em curso. Em suma, pode querer compreender o sentido de um palavrão, de uma piada ou de uma grande obra de arte. O que ele estuda não é tão importante — desde que seja um fenômeno humano (Herrmann, 1999).

Ainda complementando, o autor afirma que dessa forma, o analista nas sessões vai interpretando os conteúdos trazidos do inconsciente do paciente, uma maneira de descobrir sentidos, típica da interpretação psicanalítica. Geralmente são trabalhados os desejos, fantasias, transferências, mecanismos de defesa, sexualidade, complexo de Édipo, atos falhos, sintomas neuróticos que funcionam como válvulas de escape para o reprimido.

Outro fator importante é a valorização da interpretação dos sonhos dos pacientes nas sessões. Freud partia do princípio que a fala dos pacientes tinha bastante sentido. Ele descobriu algumas regras da lógica das emoções que produz os sonhos como: condensação, deslocamento, conteúdo latente, mecanismos oníricos, pulsão, repressão e recalçamento. Como foi explanado até aqui, o inconsciente humano é o campo de estudo da psicanálise, e a citação abaixo robustecerá essa ideia.

O inconsciente, portanto, é o lugar teórico das representações recalçadas ou daquelas que nunca puderam chegar à consciência, das pulsões sem representação consciente. O id supre energia pulsional, que o ego, autorizado pelo superego, transforma em pensamentos conscientes, projetos, ações, a serviço dos fins das pulsões. É só quando eclode um conflito que se fazem realmente notar as discrepâncias entre as estruturas (Herrmann, 1999, p. 20).

Freud dava atenção aos processos do inconsciente, porém, desde o início da psicanálise, nunca o dissociou das relações externas, como as artes e a cultura na qual o homem estava inserido. Gomes, Moreno e Gosmão (2021), complementam afirmando que ele compreendia o processo de construção da subjetividade por meio do mito edípico, em que o sujeito se constitui pelas dimensões do inconsciente, atravessado pela sexualidade, questões sociais, familiares e culturais. Essa divisão do sujeito às marcas do Édipo é a sua subjetividade, sua lente de ler e significar o mundo. Em seu livro intitulado “Psicologia das massas e análise do Eu”, Freud apresenta a ideia de a psicologia individual ser social.

No tocante, é importante destacar que a teoria de Freud serviu de inspiração para diversos psicanalistas em todos os continentes e segundo Gomes, Moreno e Gosmão (2021), a psicanálise passa a ser incorporada por quatro grandes escolas consideradas as principais matrizes da metapsicologia freudiana, que são: Melaine Klein, Jacques Lacan, psicologia do ego por Hartmann, Kris e Loewenstein e os teóricos britânicos Fairbairn e Winnicott. Conforme afirma a citação a seguir, ambas têm uma característica em comum.

[...] elas preservam a descoberta básica de Freud – o inconsciente- e a ideia fundamental do conflito psíquico; em sua teoria do desenvolvimento, mantêm a ideia essencial de uma permanência do infantil no psiquismo adulto; em sua teoria do funcionamento normal e patológico, operam com a categoria basilar de defesa, em consequência da qual o sintoma se define como compromisso entre forças psíquicas opostas; na forma de conduzir o processo analítico e de refletir sobre ele, trabalham como os processos e com os conceitos de transferências e de resistência, em virtude do que utilizam como meio privilegiado de intervenção terapêutica a interpretação do discurso produzido durante a sessão (Mezan, 2014, p. 31).

Segundo Gomes, Moreno e Gosmão (2021), Lacan, a partir da teoria freudiana, avança ao condensar esses entendimentos à lógica da estrutura da linguagem, ou seja, o sujeito, ao subjetivar outro sujeito, elege significantes para operar no decorrer da vida. Ele também defendia que a psicanálise precisa estar à altura de sua época porque ela só pode ser pensada dentro da cultura, dentro de um tempo histórico.

Ainda complementando os autores, em contrapartida, as teorias Kleinianas, consideram que a subjetivação se dá muito cedo, o processo clínico e interventivo é feito com crianças muito novas, sendo uma teoria pioneira nesse aspecto, uma diferença estrutural em relação a outros autores da psicanálise. Em suma, esses dois exemplos foram trazidos para mostrar que a psicanálise tem Sigmund Freud como seu percussor, mas, cada escola dessa teoria tem suas especificidades.

No que se refere ao diálogo da psicanálise com as artes, Ramos (2008) aponta que segundo a psicanálise, a simbologia que é evidenciada nos trabalhos do artista onde quer que seja, é muito mais do que simples conjunto de elementos estéticos, porque neles estão presentes sonhos, fruto dos impulsos e dos desejos.

Dessa forma, a semiótica dos trabalhos artísticos apresenta o encontro do imaginário com o real, elementos fundamentais para a promoção de conhecimento, a compreensão e o desenvolvimento do sujeito na sociedade. Nesse sentido, a forma trazida na visão estética não se refere apenas os aspectos técnicos, mas à necessidade de buscar significados e o sentido que se dá à literatura, dança, escultura, música, poesia, arquitetura e teatro como elementos instrutivos.

Embora pareça que Freud procurou banir a estética da psicanálise, vários de seus textos evidenciam uma necessidade incontida de diferentes áreas do conhecimento humano tome para si a responsabilidade de superar a estética estéril, por um saber sobre o significado da arte, tanto é que, dedicou parte do seu tempo estudando a vida e obra de alguns artistas consagrados como Da Vinci, Michelangelo, especificamente, a escultura de Moisés, descrita de forma anônima e que serviu de base para a escrita de Moises e o Monoteísmo, de Shakespeare (Hamlet), Dostoiévsk (Os irmãos karamassovi), entre outros (Santos, 2003, p. 20).

Para a psicanálise, a arte é um meio intermediário entre o sonho e a neurose, assim, o artista estaria entre o sonhador e o neurótico. Freud defende que a arte é de suma importância para o ser humano, funcionando como uma terapia para o artista e espectador sendo uma forma de afastar os conflitos internos sem cair em neurose. Nesse sentido, as obras artísticas aludem a vivências sexuais. Freud percebia a arte como uma forma de expressão dos desejos não realizados, deslocados para o inconsciente. Vale salientar que as interpretações de Freud sobre o objeto da arte, indiscutivelmente, elucidam razões sobre o processo de formação e desenvolvimento humano e de forma ampla, produzem lucidez sobre as complexas relações entre o homem e a arte (Santos, 2003). O autor ainda complementa com a citação a seguir:

Parafrazeando Freud, diríamos que cabe a arte, a religião e a ciência dá um sentido, um rumo, um destino para as excitações sociais e sexuais dos homens, concebidos como sujeitos do inconsciente e como destino de pulsões. Em outras palavras, salvar alguns homens nos seus destinos pulsionais, pois, como bem escreveu Guillar (1999) se a ciência e a filosofia pretendem explicar o mundo, esse não é o propósito da música, da poesia, ou da pintura, embora tanto essas como aquelas atendam a uma mesma necessidade: tornar a existência suportável (Santos, 2003, p. 28).

A partir do que vimos sobre a transdisciplinaridade da psicanálise, podemos compreender a relação com a musicoterapia, na proposta da musicoterapia analítica, por utilizar embasamento teórico e ferramentas da psicanálise associado ao canto, que potencializa os resultados do processo terapêutico, como veremos a seguir.

## **Musicoterapia analítica**

Apesar do termo musicoterapia ter sido definido oficialmente como ciência, enquanto ocorria a Segunda Guerra Mundial, por ter sido utilizada como fins terapêuticos na reabilitação e recuperação dos soldados feridos. A música sempre esteve presente ao longo da história em rituais religiosos, de magia, e cura de alguns males, como aponta diversos relatos, registros e documentos antigos (Baranow, 1999).

Leinig (1977), Benenzon (1988) e Baranow (1999), musicoterapeutas que mesmo apresentando singularidade no pensamento, compartilham a ideia de que, desde a antiguidade até a contemporaneidade, a música sempre esteve presente em todos os espaços sociais, desempenhando diferentes funções terapêuticas individuais e coletivas. Os autores também afirmam também afirmam que a música possui diversas propriedades benéficas, entre as quais podemos apontar: elementos lúdicos, pedagógicos e terapêuticos, contribuindo à formação integral do indivíduo, nos diversos grupos sociais, desde a infância até a velhice.

De acordo com Ramos (2014, no *setting* musicoterapêutico a música constitui uma linguagem universal, sendo também responsável por proporcionar desenvolvimento cognitivo, sensibilidade, além da sensação de bem estar, estimula o processo de concentração, facilitando a execução de atividades coletivas e individuais Ramos (2014). Tudo isso porque, “A música se relaciona sempre com o indivíduo, pois nasce de sua mente, fala de suas emoções e de sua gama perceptual” (Sekeff, 2007, p. 17). Isso é possível porque:

A música atinge diferenciadamente áreas de nossa psique que dificilmente são atingidas por outras fontes de estímulos. Como uma mensagem e ser usada terapeuticamente e manifesta sensibilidade, emoção, timbres diversos e ritmos, melodias e harmonias, numa espécie de linguagem emocional,

levando-nos a reagir numa grande e variável escala, em áreas e percepções somente experienciadas através dela (Baranow, 1999, p. 10).

De acordo com Bruscia (1998), “Musicoterapia é a utilização da música em *settings* terapêuticos e educacionais para oferecer possibilidades de desenvolvimento aos indivíduos com deficiências psíquicas, físicas e sociais” (Bruscia, 1998, p. 285). Dessa forma, para atuar na profissão precisa de formação superior, conforme descreve a citação abaixo.

A utilização da música e/ou seus elementos (som, ritmo, melodia e harmonia,) por um musicoterapeuta qualificado, com um cliente ou grupo, num processo para facilitar e promover a comunicação, relação, aprendizagem, mobilização, expressão, organização e outros objetivos terapêuticos [...] A Musicoterapia objetiva desenvolver potenciais e/ ou restabelecer funções do indivíduo para que ele possa alcançar uma melhor integração intra e/ou interpessoal e, conseqüentemente, uma melhor qualidade de vida, pela prevenção, reabilitação ou tratamento (Revista Brasileira de Musicoterapia, 1996, p. 44).

A Musicoterapia Analítica (AMT) foi criada por Mary Priestley, musicoterapeuta britânica que desenvolveu essa abordagem musicoterapêutica, baseada na teoria psicanalítica, para aplicar o método de improvisação musical na interpretação de processos inconscientes. Surgiu, quando Priestley trabalhava com três colegas em um grande hospital psiquiátrico e também tinha uma clinica musicoterapêutica de psicanálise kleiniana (Priestley, 1994).

Priestley (1994), afirma que a AMT foi desenvolvida para atender às necessidades dos pacientes, explorando diferentes técnicas experimentais usando música improvisada, em instrumentos e expressão vocal. Geralmente com um foco na forma de um título com o qual a mente poderia dirigir a emoção. Portanto, Musicoterapia Analítica é o uso simbólico analiticamente informado da música improvisada pelo musicoterapeuta e pelo paciente.

É importante destacar que Musicoterapia Analítica não é aula de música ou atendimento clínico com música, AMT não é psicanálise, é a combinação dessas duas ciências onde existem protocolos para atendimento e é necessário ter formação superior nas duas áreas.

## **Canto na prática terapêutica**

O canto está presente na vida do homem desde seus primórdios. Inicialmente, como parte de rituais, até que finalmente atingiu patamar de entretenimento, fazendo com que a palavra fosse abrilhantada pela presença da música (Ramos, 2018). Na atualidade, o canto tem grande importância na conservação do patrimônio cultural e contribui para a estruturação de

seu senso estético. Entre as suas funções podemos destacar o estímulo à percepção sonora, proporcionando sensibilidade e conhecimento melódico, harmônico e rítmico (Ramos, 2014, 2018).

De acordo com Guazina (2003), a voz oferece muitas possibilidades de timbre, frequência, ritmos, dinâmicas e atende às mais variadas necessidades de expressão dos estados emocionais e dos fonemas do discurso, preservando uma identidade vocal perceptível. O canto é um excelente veículo de comunicação responsável pela melhoria da postura, consciência corporal, respiratória, controle da voz, fonação, relaxamento dos músculos faciais e corporais. Através da voz é possível evidenciar o estado físico, psicológico e emocional das pessoas. Ela pode ser explorada para restabelecer as possíveis desordens emocionais, promovendo melhoria na qualidade de vida e uma saúde física e mental. Como afirma Estienne (2004),

Existe uma relação evidente entre a voz, a personalidade e o estado emocional do indivíduo... a voz pode ser encarada como um meio que libera emoção apoderando-se dela para dizê-la, senti-la, canalizá-la, fornecer-lhe um sentido, um conteúdo, a colore, a torna criadora...a voz torna-se campo privilegiado de uma tomada de consciência de si mesmo enquanto o trabalho vocal torna-se um momento de entrar em contato consigo mesmo (Estienne, 2004. p. 5).

Conforme Austin (2008), a voz é um instrumento primário na terapia musical que nasce do corpo. No entanto, há uma óbvia falta de literatura abordando os benefícios físicos, emocionais, psicológicos e espirituais de cantar em terapia e a eficácia das intervenções vocais na terapia musical. Isso é surpreendente, pois tocar e cantar tem sido uma maneira de se comunicar, nos expressar e criar ritual e comunidade desde os tempos antigos.

Ainda segundo a autora, não importa o público atendido, faixa etária ou o instrumento primário do terapeuta, as conexões mais curativas parecem ocorrer através da voz. Quando cantamos, nossas vozes e nossos corpos são os instrumentos. Estamos intimamente ligados à fonte do som e das vibrações. Fazemos a música, estamos imersos na música e somos a música.

Segundo Ramos (2018), a utilização da voz como recurso terapêutico desenvolve a expressão individual e a auto exposição positiva, melhorando a atividade respiratória e fonadora, mecanismos físicos e psicológicos, percepção sonora, ampliação da extensão e expressividade vocal com projeção mais significativa, favorece o lúdico e a autoestima.



A autora ainda complementa afirmando que, cantando o cérebro é capaz de sistematizar as novas informações sem grandes pressões psicológicas, tensões, medo e insegurança, fatores negativos apontados por pesquisadores como responsáveis por dificultar o processo de aprendizagem. A música vocal é também responsável por estimular áreas cerebrais ligadas a linguagem e a comunicação, podendo beneficiar pessoas que possuem dificuldade de se expressar por diversas situações, tudo isso porque:

O canto é um elemento estruturante para o ser humano, quer em sua história filogenética, colaborando na construção da cultura, fazendo parte do universo simbólico de todas as culturas, quer em sua história ontogenética, graças à qual, cada indivíduo, ao nascer, utiliza vocalizações para iniciar o intercâmbio com o mundo (Millecco Filho, 2001, p. 109).

Quando se trata da utilização do canto na musicoterapia analítica, exista a psicoterapia vocal, sistematizada por Austin (2008), com o uso de diversas técnicas de respiração, sons, improvisação vocal, músicas e diálogo, dentro de uma relação de terapeuta-cliente, para promover o crescimento intrapsíquico e interpessoal. Utiliza as técnicas de psicodrama, traumatismo geracional, regressão terapêutica da infância para questões da memória conscientes e inconscientes, com atividades específicas como: sons naturais antes de falar, explorar sons primitivos, combinar sons com movimentos e criar vocalizes com o seu nome.

A autora ainda trabalha com “Canto Associativo Livre”, técnica que pode ser implementada quando as palavras entram no processo de retenção vocal. Busca-se encorajar os pacientes a verbalizar o que vier em sua cabeça com a expectativa de que, ao fazê-lo, eles entrarão em contato com imagens inconscientes, memórias e sentimentos associados. Essa técnica é extremamente eficaz ao trabalhar com questões mais aprofundadas, como resistência, transferência e contratransferência, porque as músicas estão no serviço dos agentes responsáveis pelas comunicações entre o inconsciente de duas pessoas.

No tocante, o musicoterapeuta que se propõe a atuar com o canto na musicoterapia analítica, precisa ter formação em voz falada e, principalmente, cantada para conhecer a funcionalidade da voz em diferentes situações, além de conhecimentos profundos sobre a pedagogia vocal, o que cada vocalize musical pode proporcionar aos pacientes, para utilizá-los nos momentos propícios. É importante também conhecer quais as emoções provocadas por cada estilo musical para que a música seja bem empregada no paciente, criando animo e diminuindo possíveis tensões cotidianas.

Vale salientar, que atender esses pacientes sem a devida formação pode acarretar danos vocais e emocionais irreparáveis, visto que a voz é uma importante ferramenta para o desenvolvimento do processo terapêutico, por trazer ao musicoterapeuta informações valiosas sobre a real situação do físico e do psicológico do paciente. Assim o terapeuta precisa, além de embasamento, de um olhar sensível a estas questões e um espírito investigador que buscará incansavelmente novos estudos científicos.

Também é importante destacar que é imprescindível ter uma formação em psicanálise e estar em constante formação no que se refere a psicopatologias, síndromes e transtornos para promover a efetiva melhora do paciente.

## **Considerações finais**

De acordo com todas as evidências até aqui apresentadas e a vasta quantidade de documentos responsáveis por trazer o referencial teórico, tais quais afirmam a grande importância da prática do canto no setting musicoterapêutico para a promoção de saúde mental. Os resultados aqui apresentados são os suficientes para justificar a aplicação desta prática terapêutica para a promoção de saúde física/mental e bem estar.

Como foi visto até aqui, a Musicoterapia Analítica é a junção de duas grandes ciências que com recursos musicais, propõe promover saúde mental aos pacientes ao ter o olhar sensível as demandas do inconsciente trazidas por eles. Quanto a escolha do canto como ferramenta nas sessões de musicoterapia, se justifica por ter o entendimento que tal instrumento é capaz de externar de forma mais completa e menos dolorosa questões emocionais como um grande trauma ou bloqueio guardados no inconsciente e que em muitas vezes dificultam o desenvolvimento integral do paciente.

Desta maneira se torna válido seguir trilhando o caminho do canto no *setting* musicoterapêutico, com empenho, desenvolvendo novas pesquisas e práticas de cunho científico, no intuito de contribuir com mais descobertas, para que sejam oferecidas mais possibilidades terapêuticas, trazendo a ampliação desta atividade em diversos espaços com diferentes grupos sociais e propiciar a melhoria na qualidade de vida de muitas pessoas.

## **Referências**

AUSTIN, D. **The theory and practice of vocal psychotherapy: songs of the self.** Philadelphia, PA: Jessica Kingsley Publishers, 2008.

BARANOW, A. L. V. **Musicoterapia: uma visão geral.** Rio de Janeiro: Enelivros, 1999.

BENENZON, R. O. **Teoria da musicoterapia: contribuições ao conhecimento do contexto não – verbal.** São Paulo: Summus editorial, 1988.

BRUSCIA, K. **Definindo Musicoterapia.** Rio de Janeiro: Enelivros, 1998.

ESTIENNE, F. **Voz Falada, Voz Cantada.** Rio de Janeiro: Editora Revinter, 2004.

GOMES, A. E. F.; MORENO, B. S.; GOSMÃO, R. de A. **Psicanálise e processos de subjetivação.** Indaial: UNIASSELVI, 2021.

GUAZINA, L. A voz sob a perspectiva da dinâmica musicoterápica músico – centrada. *In: JORNADA BRASILEIRA SOBRE MUSICOTERAPIA*, 1., 2003, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre: Apontamentos, 2003. p. 41-48.

HERRMANN, F. **O que é psicanálise: para iniciantes ou não.** São Paulo: Psique, 1999.

LEINIG, C. E. **Tratado de musicoterapia.** São Paulo: Sobral Editora Técnica Artesgráficas LTDA, 1977.

MEZAN, R. **O tronco e os ramos.** São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

MILLECCO FILHO, L. A. (org.); BRANDÃO, M. R. E.; MILLECCO, R. P. **É preciso cantar: musicoterapia, cantos e canções.** Rio de Janeiro: Enelivros, 2001.

PRIESTLEY, M. *Essays on analytical music therapy.* Phoenixville, Pa: Barcelona Publishers, 1994.

RAMOS, V. M. **A arte e suas contribuições no desenvolvimento dos estudantes.** 2008. 50 f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Departamento de Educação, Universidade do Estado da Bahia, Serrinha, 2008.

RAMOS, V. M. **A música como facilitadora no processo de aprendizado da Língua Inglesa.** 2009. 16 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Metodologia do Ensino da Língua Inglesa) - FACINTER – FATEC, 2009.

RAMOS, V. M. **A prática do coro terapêutico na atuação musicoterapêutica.** 2014. 16 f. Artigo (Especialização em Musicoterapia) - Faculdade Hélio Rocha, Salvador, 2014.

RAMOS, V. M. **Ansiedade em performance: influência de fatores emocionais durante a performance do cantor.** 2018. 19 f. Artigo (Bacharelado em Canto) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

REVISTA BRASILEIRA DE MUSICOTERAPIA. **Definição de musicoterapia.** Rio de Janeiro: UBAM, 1996.

SANTOS, J. M. dos. **Contribuições da psicanálise e psicologia da arte para o campo educacional: Freud e Vigotsky, em discussão.** Salvador: EDUNEB, 2003.

SEKEFF, M. de L. **Da música, seus usos e recursos.** São Paulo: Ed. UNESP, 2007.